

# A reconfiguração das heranças territoriais no processo migratório

## Resumo

Nos últimos tempos consolidaram-se uma significativa literatura acadêmica e um discurso político que priorizam em suas reflexões a relação entre o *local* e o *global*. Comumente o fluxo migratório internacional apresenta-se como o exemplo mais referenciado nesta interação, para o qual o quadro de análise situa-se na esfera do global – imaginado como um ponto externo e distante da escala local. Para este artigo, desenvolve-se uma análise crítica desta vertente explicativa por meio de dois argumentos: 1) A concepção de que o fenômeno migratório contemporâneo é transescalar em função de sua característica elementar (atravessar e habitar fronteiras nacionais distintas) e a ideia de que a migração local é determinada por ações externas não são suficientes empiricamente para compor uma teoria relacional entre o local e o global. 2) A interação entre o local e o global demanda análise alicerçada na noção histórica das *redes sociais*, na qual diferentes temporalidades, lugares e situações configuram o espaço social da migração.

**Palavras-chave:** Redes sociais, local, global, fluxo migratório.

## Resumé

LA RECONFIGURATION DES HÉRITAGES TERRITORIALES DANS LE PROCESSUS MIGRATOIRE

Ces dernières années on a vu s'établir une importante littérature académique et un discours politique qui mettent en valeur dans leurs discussions la relation entre le *local* et le *global*. Généralement le flux migratoire international représente l'exemple le plus important dans cette interaction, dont les réflexions se situent dans la sphère du global – ce flux étant conçu comme un point externe et distant de l'échelle locale. Pour cet article on développe une analyse critique de cette question explicative au travers de deux arguments: 1) L'idée que le phénomène migratoire contemporain est trans-scalaire en raison de sa caractéristique élémentaire: traverser et habiter des frontières nationales distinctes et la migration locale déterminée

par des actions externes, ne sont pas suffisantes empiriquement pour concevoir une théorie relationnelle entre le local et le global. 2) L'interaction entre le local et le global demande une analyse basée sur la notion historique des *réseaux sociaux*, dans laquelle des différentes temporalités, lieux et situations constituent l'espace social de la migration

**Mots- clés:** Réseaux sociaux, local, global, flux migratoire.

## 1. Introdução

Nos últimos tempos consolidou-se uma significativa literatura acadêmica e política que prioriza em suas reflexões a problemática da relação entre o *local* e o *global*. A partir dos anos 1990, o fluxo migratório internacional apresenta-se como o exemplo mais referenciado na interação entre o local e o global. O movimento circular do migrante de “ir-e-vir”, o estar *entre-lugares*, o envio das remessas para o local de origem são alguns dos citados elementos fundantes de um novo espaço *transnacional/globalizado*. Ou seja, a migração tem se apresentado como um elemento-chave fundamental para ilustrar a globalização. Alterações na escala local (econômicas e culturais, sobretudo) são explicadas, bem como ativadas, a partir dos fluxos migratórios, para os quais o quadro de análise situa-se na esfera do global – o global imaginado como um ponto externo e distante da escala local.

Neste contexto, especialmente a partir dos anos 1990, as restrições migratórias se tornam mais prementes. Os locais de origem dos migrantes são, em primeiro momento, concebidos como vítimas de forças e decisões emanadas dos países de destino/desenvolvidos, e pouca atenção se dá às dinâmicas internas também forjadas nos locais de origem e até pactuadas com atores dos países receptores de migrantes. E, mesmo que o instrumental teórico se alicerce comumente na noção das redes sociais, a articulação entre o local e o global é ainda muito limitada: o viés explicativo é dado muito mais numa escala global; e o global – aqui repetindo – é contemplado como ação externa aos locais de origem dos migrantes e, ao mesmo tempo, impactante. Apesar da perspectiva interescalar das abordagens contemporâneas o efeito global toma mais força explicativa, em um sentido muitas vezes negativo. Ou seja, muito pouco das análises migratórias tem focado a produção do global também nas escalas locais.

Não queremos, é preciso deixar isto claro, minimizar ou até mesmo desconsiderar a desigual distribuição de forças e poderes nos fluxos migratórios. Em trabalho recente, Santos (2007) analisou como no contexto das políticas migratórias estadunidenses grupos migrantes provindos do estado de Santa Catarina (SC) estão parcamente equipados de recursos e estratégias para adentrar legalmente nos Estados Unidos (EUA) e escolhem como rota de passagem a perigosa linha de fronteira ao norte do México. Mas, para além do imediatismo, é preciso uma análise reflexiva e, para isto, não podemos desconsiderar os antecedentes históricos que motivaram, nos anos 1980, a inserção do Brasil no fluxo emigratório internacional<sup>1</sup>.

Se seguirmos Sayad (1998), sedimentos são lançados entre os lugares envolvidos na migração; não há fluxo, tanto na origem quanto no destino, que se estenda sobre um território desnudo de condicionantes migratórios. Nessa direção, não desconsideramos que o território, base da vida e quadro da existência do homem, seja usado por forças desiguais. No entanto, estabelecer o nexos deste uso distinto é assunto cauteloso e demanda muita análise, pois senão correremos o risco de enquadrar as migrações contemporâneas como desarticuladoras de culturas, identidades e saberes locais<sup>2</sup>. Não é sobre este pressuposto unilinear que reside a nossa reflexão.

Neste sentido, o presente artigo estrutura-se em duas seções. Na primeira, apresento a configuração atual do fluxo migratório originado na porção sul do Estado de Santa Catarina (SC) em direção aos Estados Unidos (EUA); este fluxo organiza-se em uma densa rede social migratória (desde os laços familiares e de amizade às relações com os coiotes, com os agenciadores de viagens e representantes religiosos). Em outras palavras, serão evidenciados a tipologia, a conexão de atores e os lugares. A partir do arranjo desta rede migratória, que, já adiantando, guarda conexões com tempos anteriores aos anos 1980 (momento este deflagrador da emigração internacional), prossigo na seção dois com o objetivo de evidenciar como o território sul catarinense se preparou paulatinamente para o fluxo dos anos 1990. Argumento que a migração contemporânea de pessoas partindo de SC para os EUA não merece ser vista como impactante, como se uma força pernicioso provinda de lá, dos EUA, estivesse aliciando os trabalhadores e estes sendo levados ingenuamente a atender nos serviços informais como migrantes clandestinos. Esta força tem atores, tempos, processos e lugares.

Não se trata aqui de uma apologia aos estudos de caso, como se a particularidade de um lugar exaustivamente descrita pudesse trazer por si evidências empíricas para a construção de uma teoria menos unilateral sobre a relação entre o local e o global. Um conjunto de atores (locais e extralocais) participa direta e indiretamente desta ação migratória. Entretanto, dadas a riqueza e a complexidade desta experiência, reconheço que as análises contemporâneas alicerçadas nas redes não consideram que este processo migratório é tanto espacial quanto temporal, e por isso busco, na longa segunda seção, as variáveis explicativas que me auxiliam a entender a força deste processo no final dos anos 1980.

## **2. O movimento migratório no sul catarinense: a configuração das redes sociais**

Em 2000, durante o mês de abril, o *Jornal da Manhã*, de circulação local em Criciúma (SC)<sup>3</sup>, publicou pela primeira vez notícias dos criciuenses que estariam vivendo em Boston, situada no nordeste dos EUA. Pelo jornal, os emigrantes enviavam mensagens às suas famílias, falavam de suas conquistas econômicas, das saudades e das atividades que desempenhavam por lá. Em 2004, Assis verificou que 3,23% da população de Criciúma eram migrantes internacionais, dos quais a maior parte se destinava para os EUA<sup>4</sup>. Considerando que a população total urbana de Criciúma em 2000 atingia o total de 150.000 habitantes (Censo Demográfico, 2000), algo em torno de 4.500 pessoas deixaram a cidade para além das fronteiras nacionais. A Diocese local estimou que, em 2006, cerca de 55 mil pessoas da região de Criciúma estariam residindo no exterior, a maioria (43,5%), nos EUA. O levantamento da Diocese constatou que a migração internacional estende-se por vários municípios, como Criciúma, Cocal do Sul, Forquilha, Içara, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Siderópolis, Treviso e Urussanga. Estimativas da Diocese revelavam ainda a entrada de US\$ 533 milhões de dólares na região; “dois terços da renda gerada pelo emigrante são aplicados no local de origem” (ZAMBERLAN et al., 2007, p. 99). Este movimento de capital, já significativo no município, pode ser expresso pela viagem do prefeito de Criciúma, Décio Góes, em 2002, para

Somerville, cidade da Grande Boston, onde se concentram os criciumenses migrados<sup>5</sup>. Santos (2007) evidencia que essa mobilidade espacial estende-se hoje por todo o sul catarinense. No município de Jacinto Machado há forte presença de agricultores rumando para os EUA, como também em Santa Rosa do Sul. Neste último, agricultores partem pela primeira vez de sua terra, diretamente para os Estados Unidos. Ao longo dos anos formou-se neste local uma cultura migratória que se estende pela sociedade como um todo, tanto no espaço doméstico quanto no público. No espaço público, a imprensa nacional, regional e local noticiam com certa frequência fatos correlatos. A rádio local, Eldorado AM, semanalmente lê e-mails enviados pelos migrantes, lá dos EUA. No espaço doméstico, pela ação em rede, a migração é estimulada. Cartas, e-mails e fotografias são trocados entre os emigrantes e aqueles que ficam. As fotografias funcionam como um dos meios de difusão da migração entre colegas e familiares, especialmente ao registrar aspectos mais positivos e o conforto do modo de vida americano.

**Quadro 1**  
TIPOLOGIA DAS REDES DE MIGRAÇÃO DO SUL CATARINENSE  
Fonte: Santos (2007).

TIPOS DE REDES	CARACTERÍSTICAS GERAIS
PARENTESCO E AFINS	A solidariedade, a ajuda mútua, a acolhida na chegada aos EUA, a indicação e/ou a venda do primeiro emprego são fundamentais neste processo migratório. Os laços de parentesco atingem avós, primos, tios, irmãos e cunhados. A família é requisitada como um dos vetores fundamentais para amenizar os impactos da migração. Tais laços estendem-se entre Estados do sul (Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná). No retorno, ainda prestam o favor de trazer as remessas aos conterrâneos, fugindo das altas taxas dos bancos oficiais. A centralidade nessas relações é ocupada principalmente por aquele que garante o primeiro emprego, geralmente é também aquele que está há mais tempo no país de destino (EUA) e tem habilidades de comunicação na língua do país de destino.
RELIGIOSOS	O suporte da igreja católica, que no caso do sul catarinense se dá por meio da presença de padres locais residindo nos EUA (Boston) e da acolhida religiosa, assistencial, que lá eles prestam aos migrantes. A participação nas cerimônias religiosas é apoio importante, pois nesse espaço circulam informações e indicações sobre emprego e moradia.

TIPOS DE REDES	CARACTERÍSTICAS GERAIS
COIOTES	<p>Atuam como atravessadores de migrantes na escala local, regional, nacional e internacional. No Brasil: do sul catarinense às cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, aos Estados de Minas Gerais, Goiás e Amazonas. Internacional: México, EUA, Itália, Inglaterra. Na escala local, há dois tipos de coiotes: os que agem por camaradagem, conhecem o trajeto e quando em sua ida para os EUA servem de guia para o migrante atravessar a fronteira. Nesse caso, o que conta são os laços de amizade. No outro caso, mesmo sendo local, são os coiotes que mercantilizam a travessia, ocorrendo ainda uma outra tipologia: fazem todo o serviço (o que é mais raro) ou, então, no México entregam os migrantes para os coiotes da fronteira. São, neste último caso, os coiotes locais mediadores/intermediários de um complexo sistema de organização que trafega migrantes. Em outras palavras, há aqui uma rede de comércio (que atua em longa distância) de migrantes.</p>
SERVIÇOS	<p>Evidencia-se a presença de serviços para a travessia, tanto no local de origem como no destino. São eles: advogados que fornecem informações sobre a retirada dos documentos para o passaporte, concessão de vistos; agências de viagem, que não somente vendem a passagem, mas fornecem informações sobre trabalho; casas de câmbio e bancos como: Western Union e Bcpbank, em Nova Iorque, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil, que atuam na remessa do dinheiro; cursos de inglês para ensino da língua para o migrante, ofertados lá e cá; serviços de comércio, como a empresa de vestuário Damyler, que instalou uma de suas filiais em Boston em 2003; serviços de doleiros para a remessa do dinheiro, atuando tanto nos EUA como em casas de comércio em Criciúma.</p>
IMPrensa E OUTROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	<p>Jornais locais e regionais, entre eles o Jornal da Manhã, que mantém duas colunas semanais com notícias dos migrantes nos EUA. Uma delas, assinada por um padre local residente nos EUA, dedica-se a assuntos variados estreitamente ligados à migração: temperatura do país de destino, políticas migratórias, aconselhamentos e informações culturais e econômicas, notícias escritas diretamente de Boston. A outra coluna é assinada por um empresário também local que migrou para os EUA em fins dos anos 1960. Este último focaliza notícias do sucesso da migração, publicando fotos dos migrantes nos EUA. O acesso ao jornal pode ser também on-line. A Rádio "Hulha Negra" e a "Eldorado AM" também dedicam programas à migração, informando sobre os EUA, as partidas de futebol nos dois países e notícias dos migrantes nos Estados Unidos. Usam-se também os correios eletrônico e convencional.</p>
EMPRESTADORES DE DINHEIRO	<p>Vários migrantes contraem dívida no seu local de origem para as despesas da viagem e para o início de sua instalação nos EUA. Tais empréstimos podem ser obtidos de pessoas da família ou de agiotas. Segundo alguns relatos, as transações para o empréstimo se estendem de Criciúma aos EUA, podendo lá ser efetivada a dívida. Em caso de inadimplência, o migrante pode sofrer coerções nos EUA. O sistema de empréstimos age nos dois lados, lá e cá, tanto para a contração da dívida e o pagamento como, em caso de não-pagamento, para as eventuais coerções.</p>

Os migrantes, como representado no Quadro 1, articulam em seu percurso lugares e atores distintos. O local permanece entrelaçado por variados elementos provindos do lado de lá. Este entrelaçamento de lugares demanda renunciar a uma perspectiva unívoca de identidade, e pensar o lugar como aberto, sítio de múltiplas identidades. Pensar o lugar como processos que se interconectam com outros lugares leva à pergunta: o fenômeno da migração internacional é local, mesorregional, regional, nacional, internacional ou global? O que requer atenção é que, mesmo afetando numericamente apenas uma parcela da população, este fenômeno merece ser pensado como representação de uma totalidade social e que articula várias e distintas escalas espaciais e temporais ao mesmo tempo. Se o lugar é uma subtotalidade do território nacional, e se somente uma parcela da população migra, tal evidência não pode ofuscar que este fenômeno guarda seu sentido de totalidade, daí o uso das redes sociais guardar seu valor interpretativo. Contemplar a migração como articulada em redes nos obriga não só estender o trajeto migratório para outros lugares, como inserir a estrutura da sociedade nesse projeto. Mesmo as pessoas que diretamente não percorram o trajeto migratório estão envolvidas na cultura migratória. Daí a complexidade, tanto das escalas a escolher como dos conceitos.

Entretanto, é preciso esclarecer que, embora as redes sociais heurísticamente permitam uma análise da migração internacional contemporânea como "transnacional", concebendo a migração como processo não mais de ruptura com o local de origem, mas que se constrói ao mesmo tempo entre os países envolvidos e, não obstante a tentativa de aclarar e explicar as intensas relações tecidas entre os migrantes multilocalizados, é possível também encontrar uma ausência na abordagem das redes em relação a outras escalas espaciais e temporais que se inserem no trajeto e no percurso do migrante no espaço internacional.

Concebendo que uma das propriedades das redes é "colocar em comunicação" diferentes lugares e atores e que cada lugar apresenta formas distintas e desiguais de manifestação e relações de poder, cabe assim outra pergunta: qual cartografia, ou, em outras palavras, qual extensão do emalhamento das redes devemos percorrer? Tal pergunta nos remete a outra dimensão: o problema das escalas. Qual o melhor recorte espacial? A rua, o município, o distrito (em seus limites administrativos),

a região, o bairro, o país, o mundo? E ainda: é possível pensarmos a escala local da emigração como a exposição de uma longa herança de histórias sedimentadas numa circunscrição fechada, ou o local não carece de ser entendido como relacional a outras escalas espaciais? Para Massey (2000), o sentido do local guarda sua relação com outras escalas. Isso não impede que se compreendam as singularidades locais da história herdada, mas o lugar é a manifestação de muitas outras heranças e não de uma única história. Assim, evitamos cair no sentido de lugar como escala cartográfica e administrativa, e referenciamos o lugar como processos de diferentes ordens: econômicas/políticas/culturais/sociais. E cada uma dessas dimensões processuais guarda sua especificidade espacial. Milton Santos (1996) considerou o *lugar* como categoria também central: o lugar como materialização dos processos sociais, construído através de relações sociais cotidianas. Mas aqui, complementamos, essas relações cotidianas não se estendem somente até os limites de uma contiguidade local e de vizinhança. No contexto das migrações no sul catarinense, as relações sociais cotidianas são hoje não só contíguas, mas inscrevem-se diretamente entre dois e mais países; então aqui não somente as relações primárias (de vizinhança e parentesco) se configuram em um mesmo local, mas atravessam outras escalas, e o cotidiano (gerado no processo migratório) passa a ser demarcado pela trajetória dos migrantes. Os migrantes catarinenses, como apontado, se comunicam hoje on-line pela Internet, escutam em Boston notícias de Criciúma em emissoras de rádio, enviam dinheiro para ser investido em seus locais de origem.

Espacialmente o trajeto migratório é amplo, estende-se a muitos lugares. Com tantas conexões escalares é possível explicar a migração internacional entre lugares de partida e lugares de chegada? Aponto que não: no Quadro 1, os migrantes circulam ancorados em redes sociais que transbordam as fronteiras políticas nacionais. Vivem entre dois e/ou mais países. E as táticas para essa travessia (devido às restrições) são inscritas em diversos lugares. Nos lugares por onde passam as redes dos migrantes são tecidas relações sociais, econômicas e políticas, desde a escala do local até a escala internacional. Assim sendo, como recortar escalas para análise do fenômeno da migração? Reconhecer que a migração é constitutiva da história do território e que nos tempos atuais guarda sua singularidade



no contexto da reprodução do capital, das relações de trabalho, e na nova ordem geopolítica pós anos 1980, é um caminho fecundo para inserir as escalas nos estudos migratórios.

Quanto ao contexto econômico-regional, autores como Goulart Filho e Jenoveva Neto (1997), Teixeira (1996), Campos (2003) e Beltrão (2005) têm analisado as implicações da crise econômica dos anos 1990 e seus efeitos no sul catarinense: a reorganização produtiva das indústrias de revestimento cerâmico, a austera diminuição da exploração do carvão e as alterações produtivas na agricultura regional deixaram de absorver a mão-de-obra local. Em outras palavras, alterações nas relações de trabalho ao final dos anos 1980 desorganizaram a sociedade local, resultando em excedente de mão-de-obra. Assim, sinteticamente é possível apontar que alterações econômicas merecem ser vistas como um dos fatores incisivos que regionalmente induzem a migração internacional, mas evito aqui estabelecer uma relação de causa e efeito linear no sul catarinense para essa emigração. Não são nem a crise da mineração nem a tecnologia no sistema produtivo das indústrias cerâmicas que, sozinhas, induzem a migração. Nossa pretensão não é estabelecer uma relação de causa e efeito entre inovações na cerâmica, crise na produção carvoeira e emigração dos funcionários demitidos. Situar a emigração internacional como um sintoma e/ou uma resposta a esse novo rearranjo econômico pelo qual vem passando a região é um caminho, mas cabe também a pergunta: a crise econômica dos anos 1980, regionalmente, é capaz de, por si só, gerar a emigração para os EUA? Quais outros fatores no sul catarinense merecem vir à luz para situar a complexidade desse processo migratório? E ainda: por que essa migração direcionou-se nos anos 1980 para os EUA e não para outro país? Para esse momento, passamos a considerar a construção e a fundação no sul catarinense de um imaginário espacial projetado para os EUA, que supomos tenha sido fundado nos anos 1960. Em outras palavras: como se construiu esse imaginário espacial?

Antes de terminarmos esta seção é preciso também estarmos atentos às possibilidades que o uso das redes sociais nas análises migratórias permitem, não somente para visualizar a arquitetura das relações sociais emergentes, “quem leva quem”, mas para contar a história do território, e, nesta história, o tempo e o espaço carecem ser compreendidos conjun-

tamente. Isto nos auxilia a entendermos em que contexto espaço-temporal as conexões foram estabelecidas e, no quadro recente da globalização, como estas conexões estão estrategicamente reconfiguradas. A seguir, são apresentados registros das articulações em redes embrionárias entre os EUA e a região sul catarinense.

### **3. História da rede migratória do sul catarinense para os EUA**

Os primeiros indícios de uma articulação do sul catarinense com os EUA podem ser registrados no início do século XX. Ao lado das atividades agrícolas, de forma ainda rudimentar, já se evidenciava o uso do carvão nesta região. E é nesse ambiente já marcado, ainda que de modo incipiente, pela técnica de exploração, pelo uso e pelo experimento com o carvão de pedra, que no início do século XX outros viajantes (que não os migrantes europeus)<sup>6</sup> chegam à região ao sul do estado de Santa Catarina: era um pequeno número de norte-americanos, pesquisadores da Universidade de Harvard e representantes de Companhias Mineradoras, com o objetivo de pesquisar a exploração do carvão<sup>7</sup>. Entre 1904 e 1906, a convite do ministro Lauro Müller, o geólogo americano Charles White, de “Morgantown, West Virginia”, se fixa no sul do Brasil. A pesquisa da “Comissão White”, entretanto, era mais do que uma prospecção geológica. A equipe passou a interessar-se pelo trabalho artesanal nas oficinas domiciliares, onde os ferreiros locais já utilizavam o carvão para a forja do ferro. “Durante a permanência da Comissão White em Criciúma, notava-se o uso do carvão nas forjas domiciliares”<sup>8</sup>. Assim, ao pesquisarem o carvão, os geólogos contavam com as informações dos ferreiros e também observavam seu trabalho. “A pesquisa sobre o carvão interagiu os trabalhos da Comissão White com os dos proprietários das forjas domiciliares” (BELOLLI et al., 2002, p. 43). Segundo Heidemann (1981), com essa comissão também esteve em Criciúma um pequeno grupo de empresários americanos, interessados na exploração do carvão. Concluído o trabalho de prospecção mineral, Charles White permanece mais cinco meses no Brasil e retorna para os Estados Unidos. Com os resultados da Comissão White sobre a disponibilidade do carvão mineral, alguns investidores americanos também chegam à região, com interesse em adquirir minas de carvão em Tubarão.

Mas, se é possível identificar essa presença e o primeiro contato de norte-americanos com os habitantes do sul catarinense, não queremos forçar aqui uma afirmação de causalidade linear de que a “Comissão White” tenha diretamente induzido a migração para os Estados Unidos. Esse primeiro contato se dá por razões econômicas, e somente na segunda metade dos anos 1960 diminuta parcela da população do sul catarinense “rumaria” para os Estados Unidos.

O segundo indício que sinaliza a abertura de Criciúma a uma modernidade urbana e sua inserção nesse contexto, e que coloca parcela de seus habitantes curiosos e predispostos a participar de um ambiente moderno dado pela circulação dos transportes, pode ser encontrado também no início do século XX, evidenciado com o discurso local otimista sobre o empreendimento da ramificação da estrada de Ferro Teresa Cristina. O ramal entre Tubarão e Criciúma foi inaugurado em 1919. Em 1923 abriu-se para o tráfego de passageiros, e em 1930 já se estendia até Araranguá. Nascimento (2004) relata que a ferrovia, símbolo da modernidade européia no século XIX, seria portadora, em conjunto com a circulação de pessoas e de matéria-prima (sobretudo o carvão), da promessa de novos tempos – até foi veiculado nos jornais locais que a cidade de Criciúma sairia do “atraso” econômico e cultural. À paisagem rural, herança de um projeto de colonização agrícola, sobrepunham-se novos hábitos da população local, entre os quais a novidade das viagens. Naquele momento já se encontrava muito presente a estreita relação entre modernidade e transporte. O anseio pela circulação é tão manifesto na sociedade local que Nascimento (2004) lembra também que a própria estrada de ferro, antes mesmo de ser implantada, já é criticada negativamente pela sua morosidade em relação à velocidade de outros transportes como automóveis e aviões.

Quando a Estrada de Ferro Teresa Cristina foi constituída como empresa e se construiu o primeiro ramal férreo na região, a linha Imbituba-Minas, de 1880 a 1884, a ferrovia ainda tinha o halo da modernidade. Entretanto, na primeira extensão dos trilhos em direção a Criciúma, Urussanga e Araranguá, no contexto da Primeira Guerra Mundial, a estrada de ferro havia perdido o lugar de vanguarda do moderno. O avião e, principalmente o automóvel – o novo ídolo do capitalismo mundial – roubavam-lhe a cena, meios de transporte que causavam espanto e vertigens pela sua grande velocidade, relegando o trem ao segundo plano (NASCIMENTO, 2004, p.14).

Mais adiante o autor continua:

Criciúma é uma cidade que se afirmou enquanto moderna. A sua relação com a ferrovia se estabeleceu sob o signo da modernidade, ora afirmando um vínculo, quando a estrada de ferro simbolizava o progresso, para depois descartá-la em vista de outros meios de transporte (*op. cit.*).

Nos anos 1950 já é visível o fascínio que o avião exerce na população local. Nos jornais surgem vários anúncios de empresas aéreas e também matérias informativas dedicadas ao transporte aéreo, ilustradas por desenhos e fotografias de aviões. O Jornal Folha do Povo, em 1951, anunciava as viagens aéreas dos criciumenses na seção intitulada “Varig Informa”. Logo abaixo, era citado o nome de cada passageiro e seu roteiro de partida e chegada. Em 1952, outro anúncio da Varig: “*Menos tempo e mais conforto, Cresciúma a Porto Alegre em 1h50m*”<sup>9</sup>. O Aeroporto de Criciúma foi inaugurado em 1957. Até então, o trajeto para Porto Alegre era intercalado por viagem de carro até Araranguá. A própria Varig realizava o serviço de transporte dos passageiros até Araranguá em 60 minutos. De Porto Alegre, o embarque internacional. Tais anúncios, como comenta Campos (2003, p. 135), “muito orgulhavam os criciumenses”.

Se Criciúma, até os anos 1920, compunha-se de significativa configuração espacial que a caracterizava como núcleo agrícola, nos anos 1940 o seu espaço urbano já está formado. Às praças, ruas, estradas, aos centros religiosos, ao comércio, à estação ferroviária, às vilas operárias e à forte presença das companhias mineradoras, alia-se o discurso progressista da velocidade dos fluxos pelos meios de transportes. Lembro que, em curto intervalo de tempo, essa cidade torna-se um centro de atrativo populacional. Paralelamente à população operária atraída pelo trabalho nas minas, chegam levas de profissionais qualificados, como os engenheiros providos dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul e outros técnicos, acompanhados de suas famílias.

Nos anos 1960 a população de Criciúma se torna definitivamente urbana: de um total estimado em 48.000 habitantes, 24.449 são diretamente ligados a atividades urbanas e 21.551, às rurais. Para o Estado de Santa Catarina o processo de urbanização foi mais lento, pois somente nos anos 1980 a urbanização se tornou um fato. Inversamente, em Criciúma, no ano de 1970, 68% da população já vivem em área urbana e, em 1980, dos

seus 110.604 habitantes somente 14.272 residiam em área rural; os demais 96.332, em área urbana (CENSO DEMOGRÁFICO 1960, 1970, 1980).

Em síntese, quero chamar atenção para o fato que no sul catarinense, especificamente na cidade de Criciúma, várias condições econômicas, sociais e culturais propiciavam viagens internacionais: 1) o contato direto de alguns moradores de Criciúma e região com uma equipe de técnicos norte-americanos. Mesmo que não haja evidências diretas de uma rede migratória sendo aí formada, é preciso realçar que muito cedo a região foi atravessada por pesquisadores norte-americanos; 2) a estreita relação da modernidade urbana com o fascínio pelos transportes e presença, a partir dos anos 1940, de uma elite econômica com recursos suficientes para adquirir os bens da modernidade urbana.

Cabe agora tratar de outra condição, fundamental para explicar a gênese desse complexo processo migratório. Em minucioso trabalho historiográfico, Tota (2000) coloca em evidência as relações políticas entre os EUA e o Brasil nos anos 1940, fase do nacionalismo varguista que aliou ao plano de desenvolvimento industrial a abertura do território brasileiro aos produtos culturais norte-americanos. Durante a Segunda Guerra Mundial, a presença americana no Brasil não se deu somente pela ocupação da base aérea dos americanos em Natal, mas, diz ele, os EUA criaram também uma política cultural com o Brasil, construindo o que denomina um certo “americanismo” na cultura brasileira. Entre os anos de 1940 e 1946, foi instalado no Brasil, por um acordo assinado pelos Presidentes G. Vargas e F. Roosevelt, o “Birô” (Office of the Coordinator of Inter-American Affairs), dirigido por Nelson Rockefeller, também presidente da Standard Oil Company. Esse escritório tinha uma extensa linha de objetivos, entre os quais: coordenar as relações econômicas e culturais nos setores de informação, educação, saúde e alimentação dos países latino-americanos<sup>10</sup>. Convém lembrar que é de 1941 a instalação do primeiro Radiojornal no Brasil, o famoso “Repórter Esso”. Seu material informativo foi fornecido pela United Press dos EUA e patrocinado pela Standard Oil Company of Brazil. Esse radiojornal permaneceria no ar por 27 anos.

Alves (2004) recorda que os anos 1950 e 1960 seriam, em termos culturais, os “anos dourados” da presença cultural norte-americana no Brasil. Em sua análise, a importação de filmes, músicas e revistas em

quadrinhos dos EUA (iniciada nos anos 1930) intensifica-se nos anos 1960, e continua durante as décadas de 1970 a 1990. Múltiplos objetos provindos dos EUA durante os anos de 1940 a 1970 são incorporados ao mercado de consumo brasileiro<sup>11</sup>. Segundo Ortiz (2001), a partir de 1964, ocorre no Brasil uma formidável expansão da produção, distribuição e do consumo de bens culturais dos EUA. E mais: o modelo de comunicação adotado pela televisão brasileira na década de 1960 tomou como referência o norte-americano. “A Globo, fundada em 1965, importou dos Estados Unidos um *staff* de administradores, procurando ajustar o padrão de produção às exigências do mercado” (ORTIZ, 2001, p.202)<sup>12</sup>. É claro que muitos pontos do território brasileiro ficaram à margem daquela onda de circulação de bens culturais, e também não se trata aqui de afirmar que há uma absoluta passividade da população brasileira em receber esse acervo de bens culturais. Há um grande hiato entre as políticas culturais providas do Estado e a forma como a população as recebe. Um trabalho mais atento evidenciaria as variadas formas de resistência que ocorreram na assimilação de tais produtos<sup>13</sup>. Mas, como diz Ortiz (2001), é preciso também termos claro que as mudanças (a partir dessas injunções de bens culturais norte-americanos) serão profundas no território brasileiro. O *american way of life*, no qual felicidade, trabalho, liberdade e consumo andam juntos, expande-se no Brasil, pelos diferentes meios de comunicação, como filmes, revistas e diversas propagandas. Tal propaganda, sob a coordenação de Nelson Rockefeller, contou com o auxílio do Instituto Gallup de opinião pública (EUA), que realizou longa pesquisa de opinião em diferentes cidades da América Latina, especialmente nas do Brasil, “a fim de conhecer os gostos, as opiniões e os hábitos dos latino-americanos. Com isso, esperava-se, em parte, que os enviados americanos não cometessem equívocos de interpretação das culturas dos diferentes países” (TOTA, 2000, p. 61). Toda essa difusão da cultura norte-americana no Brasil foi cuidadosamente elaborada pelo governo norte-americano, cujo alvo era o brasileiro urbano médio, com poder aquisitivo suficiente e predisposição para aproximar-se e adquirir os elementos e objetos simbólicos da cultura de entretenimento norte-americana.

Voltando à rede migratória, nos anos 1960, ponto de inflexão demográfica do sul catarinense, com Criciúma destacando-se como cidade de

maior concentração populacional, consolida-se um quadro social em que, aos agricultores e comerciantes enriquecidos, acrescenta-se uma classe média urbana com todas as condições suficientes para participar dessa propagação cultural norte-americana. A partir de pesquisas em jornais locais de Criciúma registramos a presença recorrente dos EUA em suas variadas formas: propaganda de objetos de consumo, anúncio de filmes de produção norte-americana nos cinemas locais e colunas informativas sobre o modo de vida norte-americano. Pode-se afirmar que nos anos 1960 ocorreu uma forte propaganda do modo de vida, dos hábitos e do comportamento da sociedade americana, implicando assim uma aproximação e “familiarização” dos cricumenses com aquele distante país. Vamos aos registros.

### 3. 1. *Propaganda sobre os EUA no sul catarinense*

Na Tribuna Criciumense, o mais importante jornal local, no segundo semestre de 1965 era recorrente a divulgação das idas e vindas de jovens dos EUA para o sul catarinense. Somente no mês agosto foram duas longas reportagens:

#### JOVEM AMERICANO VISITA NOSSA ZONA RURAL

Para conhecer a vida rural do sul de Santa Catarina chegou em fins de julho o jovem americano Carl Castleton, do Estado de New Hampshire. Carl morará com famílias rurais nesta região e tomará contato com seu modo de vida, seus problemas e sucessos objetivando com isso auxiliar a mútua compreensão dos problemas e atitudes das populações rurais brasileira e norte-americana.

Faz esta visita parte do Intercâmbio Internacional da Juventude Rural, mais conhecida pela sigla IFYE, cujo programa no Brasil é coordenado pela Associação Brasileira de Crédito Rural.

#### HÁ TRÊS MESES NO BRASIL

Carl Castleton está agora com a família Rubens Gava, de Nova Veneza, mas pretende visitar todos os clubes 4-S de Criciúma e conviverá também com outras famílias durante seu mês aqui. Já viveu ele três meses na zona rural do Estado de Minas e diz que gosta muito do Brasil.

O IFYE Carl Castleton conheceu a IFYE Ilma Arns, de Forquilha que atualmente está nos Estados Unidos. As cartas de Ilma indicam que ela está apreciando ao máximo esta visita para, quando voltar, em novembro, poder aplicar seus conhecimentos em seu clube 4-S Ideal.

Deve-se salientar que o Intercâmbio Internacional da Juventude Rural não é um programa técnico de agricultura, assim são os jovens recebidos como membros da família tendo oportunidade de conhecerem de perto a vida das populações rurais bem como a vida social da comunidade. Atuam, também, em palestras a grupos de jovens, a organizações rurais, a Clubes Cívicos e outras entidades, abordando aspectos da agricultura, da geografia, dos usos e costumes do Brasil e dos EE.UU, facultando com isso melhor compreensão entre esses dois países.

FONTE: Tribuna Criciunense, 14 a 21 de agosto de 1965. p. 3.

Paramos aqui com estes registros, mas vale apontar que, semanalmente, vários destaques são dados à chegada de jovens americanos em Criciúma. Quanto aos anos 1950, foram assinados, no Brasil, acordos entre a United States Agency for International Development (USAID) e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), para garantir à juventude estudantil brasileira modelos e técnicas pedagógicas nos moldes de uma educação norte-americana para o trabalho. Visava aqui, para usar uma expressão mais recente, qualificar a mão-de-obra jovem para novas técnicas de produção e atender as exigências das empresas multinacionais que vinham instalar-se no Brasil. Esse modelo educativo estendeu-se também aos jovens rurais por intermédio de um novo acervo de conhecimento técnico/agrícola moderno.

Em 1957, o estado de Santa Catarina participa de um projeto da modernização agrícola, com a implantação do escritório regional Escritório Técnico de Agricultura (ETA), tendo como objetivo explícito fundar e executar os serviços de extensão rural no Estado<sup>14</sup>. Segundo Olinger (2006), a grande mudança na agricultura catarinense se dá no final dos anos 1950, através da implantação do Projeto 17 do ETA. Instala-se aí um programa de intercâmbio de tecnologia agrícola, provinda de diferentes países e que será aplicada em Santa Catarina.

Uma das políticas de atuação do ETA foi criar em 1957 a Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), que visava, sobretudo, à modernização da agricultura no Estado por meio de importantes iniciativas, como uma política estadual de crédito agrícola que permitisse aos agricultores adquirir insumos e fertilizantes de empresas norte-americanas. É importante mencionar que o extensionismo rural no Brasil trabalhou fundamentalmente com a modernização da agricultura,



centrada em um projeto de desenvolvimento agrícola com alta produtividade, estreitamente dependente das técnicas modernas.

Um intenso programa de extensão rural seria então aplicado no território catarinense que, além de uma política de crédito agrícola destinada aos agricultores adultos, define também uma política educativa para os jovens rurais. Para esta última população, os jovens rurais, é criado pela Acaresc o Clube 4-S. Sucintamente, em Santa Catarina, a criação da Acaresc seria fundamental para a modernização agrícola, mas por ora o que nos interessa é o papel do clube 4-S. A sigla 4-S significa “Saber, Sentir, Servir e Saúde”. Com matriz norte-americana, este clube é moldado com base nos famosos Clubes 4-H, associação fundada nos Estados Unidos no Plano Marshall e que se estende até hoje em diversos países da América Latina e da Ásia; em Santa Catarina o clube 4-S foi extinto em 1990, com o fim da Acaresc. Segundo Olinger, “o serviço de extensão entendia que o trabalho com a juventude era mais importante que o trabalho com os adultos, porque é da juventude que nascem os futuros agricultores” (OLINGER, 2006, s/p). Esse projeto de política rural, voltado para os jovens, atingiu seu ápice em Santa Catarina (SC) nos anos 1970, com 350 clubes distribuídos por todo o Estado. Seu fio condutor era formar um novo jovem rural conhecedor de técnicas e tecnologias consideradas modernas. No clube, os jovens entre 14 e 25 anos tinham o objetivo de adquirir novos hábitos para trabalhar com as técnicas agrícolas. Além do incentivo da vinda de técnicos de diferentes países, o extensionismo rural em SC incentivou (através da Acaresc) o intercâmbio internacional entre os jovens rurais membros do Clube 4-S com os do 4-H. Foi assim que em 1965 os jovens Bob Harter e Carl Castleton vieram ao sul catarinense.

O Clube 4-S se pautava por uma série de regulamentos e compromissos entre os associados, e os mais destacados jovens eram contemplados com um prêmio. No Brasil, é do Estado de SC, do município de Criciúma, que um dos jovens quatroessistas seria contemplado com uma viagem aos EUA para estudar e conhecer a empresa multinacional produtora de fertilizantes “International Minerals and Chemical Corporation”.

Assim, em setembro de 1965, mais uma vez a Tribuna Criciumentense noticia a partida de uma jovem de Criciúma, membro do Clube 4-S, para os EUA.

#### UMA CRICIUMENSE NOS EE.UU.

A senhorita Ilma Terezinha Arns, de Forquilha, Criciúma, Santa Catarina, visita um laboratório de pesquisas próximo de Chicago, Illinois, Estados Unidos, da Internacional Minerals and Chemical Corporation, um dos maiores produtores de substâncias químicas para fertilizantes, empregadas no Brasil. Um cientista da companhia mostra-lhe um modelo da composição de um simples grânulo de um fertilizante, contando elementos secundários e outros. Ela está estudando técnicas agrícolas americanas como parte de um programa que terá a duração de seis meses, o Intercâmbio Internacional da Juventude Agrícola (International Farm Youth Exchange) patrocinado pelo Clube 4-H.

FONTE: Tribuna Criciumense, 11 a 18 set. 1965. p.1

O que quero chamar a atenção com essas notícias é que em Santa Catarina a juventude rural é que esteve mais integrada aos intercâmbios estudantis. Não somente através do Clube 4-S, mas intercâmbios mediados pelo Rotary Club e viagens a passeio tornaram-se comuns entre os anos 1960-1980. Esse movimento de receptividade e abertura aos EUA não ficou limitado aos intercâmbios estudantis, mas verifica-se nos anos 1960 a recorrência de várias propagandas com informações longas e minuciosas sobre os EUA, principalmente na imprensa local. Na mesma Tribuna Criciumense, durante o ano de 1965, destaca-se uma extensa coluna chamada "Isto é fato", que semanalmente apresenta diferentes informações dos EUA; desde o lazer do Presidente Lindon B. Johnson à melhor forma de usar o chapéu do oeste americano, além de várias propagandas informativas de produtos norte-americanos, como: tintas de parede, repelentes para insetos e colas domésticas, entre outras utilidades. Essas propagandas ocupavam um grande espaço no jornal, com uso de fotografias e textos escritos. Conforme nossa consulta, em 1965, cerca de 80% das notícias internacionais e propagandas presentes naquele jornal foram dedicadas aos EUA. E semanalmente, neste mesmo jornal, apareciam fotografias de mulheres americanas, destacando a profissão de cada uma, aspecto físico e modo de trajar.

Os filmes dramáticos também abundam na cultura de entretenimento local. Por vários dias, em Criciúma, o Cine Milanez apresenta os filmes "A Beira do Inferno" e "Não creio nos homens". Este último traz destacado em seu cartaz um fragmento de um dos diálogos da personagem feminina principal: "Mãe diz: seja de Boston no falar e francesa no amar... Mas nunca misture os dois". Entre outros filmes anunciados também: "Volta,

meu amor”, “O Sétimo Mandamento”, “Carícias de Luxo”, que tem no elenco os atores Cary Grant e Doris Day. Muitas outras produções norte-americanas eram anunciadas, e cabendo aqui mencionar os filmes de Walt Disney, que ocuparam maior destaque e espaço na divulgação. Lembro que nos anos 1950, segundo Ortiz (2001), no Brasil a Editora Abril se sustentava com a venda de fotonovelas e das revistinhas *Pato Donald*. E, na década de 1960, as histórias em quadrinhos distribuídas e vendidas no Brasil eram 100% norte-americanas, produções Walt Disney.

Essa aproximação com os EUA, por meio dessas imagens, paulatinamente vai familiarizando a população do sul catarinense com a cultura norte-americana, difundida pela imprensa local. Em 1984, no Jornal da Manhã, há uma coluna semanal nomeada “Beverly”, dedicada a noticiar os acontecimentos sociais, na qual recorrentemente aparecem notícias dos criciumenteses nos EUA.

Não haveria espaço para transcrever todas as notícias, mas convém dizer que na década de 1980, ano a ano, é reservado um significativo espaço na imprensa local para os criciumenteses nos EUA. Nos anos 1990, as agências locais de turismo propagandeiam nos jornais locais planos de viagem a crédito para a Disney, enquanto as ruas centrais de Criciúma já ostentam palavras que remetem aos EUA (ou ao México), sobretudo no comércio, como Confecções *Tijuana* e Agência de Turismo *Fly Tour*. É interessante esclarecer que nos anos 1960 a imprensa local destinava grande espaço para uma divulgação panorâmica e comercial sobre os EUA. Nos anos 1980-1990 já apareciam as viagens internacionais dos criciumenteses para aquele país.

Em síntese, as conjunções econômicas na década de 1990 no sul catarinense reativam uma rede social, que já havia sido fundada muito antes. Nossa pretensão foi aliar a essas alterações econômicas dos anos 1990 uma análise retrospectiva, remontando aos anos 1960, sobre a receptividade no território sul catarinense dos bens culturais provindos dos EUA. Consultando jornais locais foi possível identificar que, ao longo da segunda metade dos anos 1960, fase áurea na economia regional, difundiu-se no sul catarinense, por intermédio dos meios de comunicação, sobretudo imprensa e cinema, a imagem dos EUA como o país do sucesso econômico, como o país que “oferecia a todos os que lá viviam, ou para lá se dirigiam,

facilidades de trabalho bem remunerado, casas bem equipadas com eletrônicos diversos e possibilidades de ascensão fácil” (ALVES, 2004, p. 101).

Então, por que não ir pra lá também nos anos 1990?

#### **4. Considerações Finais**

Ao longo destas seções, o esforço de interpretação voltou-se para argumentar que a migração contemporânea do sul catarinense para os EUA não deve ser considerada como um impacto na sociedade local, provinda de ações exteriores. Ao contrário, desde os anos 1960, por intermédio dos registros evidenciados, verifica-se uma abertura local a um certo estrangeirismo, com destaque para os EUA. Situei aqui as considerações em relação ao ideário de progresso e modernidade que fluiu em Criciúma desde os anos 1940, por meio da edificação local de um conjunto de objetos e discursos propositivos com uma imagem de cidade moderna e urbanizada. Em 1960, a adesão do Estado catarinense ao projeto nacional de modernização agrícola desdobrou-se em intercâmbio entre os jovens norte-americanos e catarinenses que circularam entre os dois países. Em curto espaço de tempo, a sociedade regional colocou-se em contato direto com variados símbolos e objetos provindos dos EUA, tanto recebendo essas imagens pela imprensa local, quanto colhendo as novidades lá mesmo, nas viagens. A emigração atual para os EUA merece muito mais do que ser contemplada como algo externo àquele lugar: insere-se nessa articulação, seja como turista, intercâmbio técnico ou estudantil, e na divulgação local de uma série de imagens positivas sobre os EUA, dentro de um projeto, restrito naquele primeiro momento dos anos 1960 a uma classe média urbana ansiosa por novidade e com poder aquisitivo para entrar na modernidade dos países do Primeiro Mundo. Assim, as alterações no arranjo econômico nacional e seu rebatimento no sul catarinense ao final dos anos 1980 merecem ser contemplados como impulsionadores da emigração atual, mas não como fato novo, uma vez que esse processo já vinha sendo ensaiado desde a década de 1960.

Com o propósito de compreender as migrações recentes, esta explicação não pode cair numa reflexão imediatista, como se a migração con-

temporânea fosse uma resposta imediata às causalidades da globalização. O fluxo migratório contemporâneo nos coloca analiticamente vários desafios, e um deles é essencial por se tratar de um fenômeno multilocalizado. Isto nos incita a elaborar uma reflexão e organizar material empírico que evidencie esta extensão transescalar. Entretanto, as conexões espaciais não nos podem ofuscar processos, pois eles comportam múltiplas causalidades, acasos e incertezas. As análises transescalares, quando se apoiam em momentos, instantes e eventos emergentes, e consideram somente o recorte imediato como eixo explicativo, empobrecem a reflexão. Se, por um lado, esta perspectiva faz do presente um acúmulo de informações, por outro, retira do espaço sua relação constitutiva com o tempo. A possibilidade hermenêutica para a história do território se dá por processos. E processos não nascem no imediatismo. A abordagem transescalar migratória requer, para ser suficiente analiticamente, voltar sua atenção para dois pontos: 1) o espaço da migração contemporânea não é vazio de tempos e lugares, autogerado nos anos 1980, ainda que tenha aí o seu ponto de clímax. Linhas foram tecidas, acordos políticos firmados aquém daquele período e estão à espera de serem reanalisados. 2) Se reconhecermos estes lastros históricos, o próprio discurso político migratório se enriquece e nos instrumentaliza para ações menos alicerçadas na vitimização dos migrantes e para um planejamento mais esclarecido sobre as densas relações, pactos e acordos políticos entre os lugares. A concepção de que o fenômeno migratório contemporâneo é transnacional em função de sua característica elementar – atravessar fronteiras nacionais distintas – e a ideia de que a migração local é determinada por ações externas não são suficientes empiricamente para compor uma teoria relacional entre o local e o global. A interação entre o local e o global demanda uma análise empírica e teórica alicerçada na noção de que diferentes temporalidades, lugares e situações são coetâneos e configuram o espaço social da migração. O termo “coetâneos” aqui não é sinal de um recorte de análise restrito ao somatório de efemeridades presentes, mas trata-se da fértil possibilidade heurística de imaginar e conceber que temporalidades distintas ocupam e configuram um dado território.

## Notas

<sup>1</sup> Segundo estimativas do Itamaraty, em 2002, cerca de 1.964.498 brasileiros residiam no exterior. O maior fluxo concentrado nos EUA, seguidos do Paraguai e do Japão.

<sup>2</sup> Análise recente como a de Assis, que também se dedica a entender as implicações do fenômeno migratório no sul de SC, tem desmistificado a idéia que as migrações desestruturam padrões familiares. O que ela cuidadosamente desvendou é que um outro arranjo familiar se configura, mas não implica morte e fim dos elos familiares. Ao contrário, pelo fato das migrações nesta região dependerem dos laços parentais e de amizade, a família permanece como suporte da ação migratória, configurada por outro arranjo e redefinição de papéis econômicos e simbólicos entre seus membros.

<sup>3</sup> A cidade de Criciúma está localizada ao sul do Estado de Santa Catarina. Em 2004 reunia 182.785 habitantes, área de maior concentração populacional do sul catarinense.

<sup>4</sup> Da cidade de Criciúma, o fluxo destina-se, sobretudo, para os EUA, seguidos da Itália. Nos EUA, os criciumenses concentram-se espacialmente no estado de Massachusetts, distribuídos pelas cidades que compõem a Grande Boston, entre elas: Lowell, East Boston, Somerville, Brookline, Salem e Malden.

<sup>5</sup> Jornal da Manhã, Criciúma, 05 set. 2002. p. 5.

<sup>6</sup> O extremo sul do território de Santa Catarina foi colonizado ao final do século XIX. Para o então núcleo colonial "São José de Cresciúma" dirigiram-se, em 1880, 22 famílias (141 pessoas) oriundas da Itália.

<sup>7</sup> Lembro que o carvão, como recurso mineral, é estratégico para a expansão da economia norte-americana no fim do séc. XIX e início do XX para implementação das ferrovias. Com esse objetivo, um grupo de pesquisadores percorre a região sul do Brasil, estendendo as pesquisas de geologia econômica do Rio Grande do Sul aos Estados de Santa Catarina e do Paraná.

<sup>8</sup> Jornal O Comércio, Laguna, 18 dez. 1904.

<sup>9</sup> Folha do Povo, Criciúma, 9 jun. 1952.

<sup>10</sup> Entre esses desdobramentos destaco a instalação no Brasil do BENFAM (Política de Bem-Estar Familiar), financiada pela fundação Rockefeller, que tinha como objetivo o controle de natalidade da população brasileira por intermédio de um projeto educativo de planejamento familiar. O primeiro escritório localizou-se em Florianópolis, SC.

<sup>11</sup> Nos anos 1960 a imitação, no Brasil, de brinquedos infantis norte-americanos, como a boneca Susi (produção nacional da Estrela), cópia direta da boneca "Barbie". Essa foi criada nos EUA em 1952, e somente chegaria às lojas brasileiras em 1982.

<sup>12</sup> Lembramos aqui do "Vila Sésamo", programa infantil exibido na TV Globo e na TV Cultura nos anos 1960 financiado pela Xerox. Ainda que seu elenco, paisagens e músicas fossem nacionais, o roteiro e a sequência das cenas foram inspirados no modelo do programa infantil norte-americano "Sesame Street".

<sup>13</sup> Para se contrapor aos bonecos infantis da Disney, como o Mickey, o governo militar brasileiro, por meio de uma política nacionalista de propaganda e cultura, divulgou um novo personagem educativo: o "Sujismundo", símbolo da campanha de limpeza urbana de 1972 com o slogan: "Povo limpo é povo desenvolvido". Entretanto, como esclarece o historiador Fico (1997, p. 135), Sujismundo é um equivalente do "Litterburg", personagem também utilizado em campanhas de limpeza urbana nos EUA.

<sup>14</sup> O escritório central estava sediado no Rio de Janeiro.

## Referências

- ALVES, J. F. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Ed. Moderna, 2004.
- ASSIS, G. de O. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2004.
- BELLOLLI, M. et al. **História do carvão de Santa Catarina**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado. 2002.
- BELTRÃO, L. M. V. Industrialização de Sombrio/SC: gênese e evolução. In: SCHEIBE, L. F. et al. (Orgs.). **Geografias entrelaçadas: ambiente rural no sul de Santa Catarina**. Florianópolis/Criciúma: Ed. UFSC/Ed UNESCO, 2005. p. 345-387.
- CAMPOS, E. C. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002)**. 214 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- FICO, C. **Reinventando o Otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- GOULART FILHO, A.; JENOVEVA NETO, R. **A indústria do vestuário: economia, estética e tecnologia**. Florianópolis: Livraria e Ed. Obra Jurídica Ltda, 1997.
- HANNERZ, ULF. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Revista Mana**, v. 3, n.1, p. 7-39, 1997.
- HEIDEMANN, E. E. **O carvão catarinense 1918-1954**. 115 f. Dissertação (Mestrado em História). UFPR, 1981.
- MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org). **O espaço da diferença**. São Paulo: Ed. Papius, 2000. p. 177-185.
- NASCIMENTO, D. **As Curvas do Trem: a presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina (1880-1975)**. Criciúma: UNESCO, 2004.
- OLINGER, G. D. Entrevista concedida por Domingo Glauco Olinger: **Jornal A Notícia**, Joinville, 19 mar. 2006. Disponível em: [http://www.sc.gov.br/clip-ping\\_governo/noticia\\_int.asp](http://www.sc.gov.br/clip-ping_governo/noticia_int.asp). Acesso em 21/02/2007.
- ORTIZ, R. Sociedade e Cultura. In: SACHZ, I. et al. (Orgs.) **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 186-209.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SANTOS, G. A. **Estado, Redes sociais e Fronteira**: a migração do sul-catarinense para os Estados Unidos. 206f. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SAYAD, A. Retorno. **Revista Travessia**, São Paulo, ano XIII, nº especial, p. 11-15, jan. 2000.

TEIXEIRA, J. P. **Os donos da Cidade**. Florianópolis: Ed. Insular, 1996.

TOTA, A. P. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

ZAMBERLAN, J. et al. (org.). **A Emigração da Grande Criciúma na ótica de familiares**: os desafios para a sociedade e a igreja de origem e de destino. Porto Alegre: Solidus, 2007.